

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA

STÉFANY DE MELO RIBEIRO

A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL... E DESCOLORIRÁ

CRICIÚMA

2019



STÉFANY DE MELO RIBEIRO

A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL... E DESCOLORIRÁ

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC.

Orientador(a): Prof^a. Ma. Édina Regina Baumer

CRICIÚMA

2019

STÉFANY DE MELO RIBEIRO

A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL... E DESCOLORIRÁ

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Arte.

Criciúma, 27 de novembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Ma. Édina Regina Baumer - (UNESC) - Orientadora

Prof.^a Ma. Gislene Camargo - (UNESC)

Prof.^a Ma. Gislene dos Santos Sala - (UNESC)

Dedico essa pesquisa às mulheres professoras e artistas que, assim como eu, estão cada vez mais conquistando seus espaços na sociedade.

AGRADECIMENTOS

Sou grata primeiramente a mim, que mesmo muitas vezes não acreditando, consegui ultrapassar limites que eu mesma criei e tirar forças de onde não sabia que era possível.

Sou grata a minha família, principalmente aos meus pais, Cleonice e Ronaldo, por todo o acolhimento que me deram em todos esses anos, enquanto cursava ou não a faculdade, me aceitando como sou, respeitando meus limites e escolhas. As noites acordadas ou as palavras de apoio.

Sou grata a minha irmã Stela, tudo o que eu faço tentando diariamente ser uma mulher, artista ou professora melhor, o motivo é você,

Sou grata a minha maravilhosa orientadora Édina Regina Baumer que, com muita paciência e carinho, conseguiu me acompanhar nessa fase turbulenta de conclusão. Assim como todas(os) professoras(es) e funcionárias do Curso de Artes Visuais, fazendo-me apaixonar diariamente pelo curso e sempre instigar ainda mais pela procura de conhecimento.

Sou grata as minhas colegas de trabalho que estiveram meses junto de mim, ajudando na escrita desta pesquisa e mostrando a beleza que existe na Educação Infantil.

Sou grata as minhas amigas e amigos que conheci durante a vida acadêmica, esses que tem minha admiração e respeito.

Agradeço a todas e todos que passaram pela minha vida acreditando ou não em mim, pois de qualquer forma, estou cada vez mais perto de onde eu quero com as pessoas que preciso.

Agradeço a todas as forças celestiais que me auxiliam e protegem todos os dias, a Deus e Nossa Senhora Aparecida, que como o belo mar da minha cidade, me inundam de bênçãos e vitórias.

**“Queremos a sensatez que protege, mas não
resistimos à loucura que arrebatava.”**

Ferreira Gullar

RESUMO

A pesquisa traz como problemática a questão de como provocar as professoras da Educação Infantil, de uma escola que não tem professora habilitada em Arte, para pensar a arte como conhecimento. Analisando meu envolvimento e a forma como coloco minhas experiências de vida no que será pesquisado, uso a a/r/tografia como minha metodologia. A pesquisa tem como seu principal objetivo investigar formas de incitar a visão que professoras da Educação Infantil tem sobre a arte enquanto área do conhecimento e possíveis formas de ser trabalhada em sala de aula. Como objetivos específicos, planejei observar professoras da Educação Infantil e perceber como integram a arte na realidade escolar, analisar a visão delas sobre o conhecimento da arte e suas linguagens e investigar formas que possibilitem o emprego desta área do conhecimento em sala de aula. Trago autores que me ajudam a fundamentar a escrita, entre eles Loponte (2013), Ostetto e Leite (2004), Cunha (2017), especialmente. Durante as observações feitas com quatro professoras de uma escola de Educação Infantil de Torres/RS, foi visível em suas falas a vontade que tem de levar a Arte para a sala de aula, porém, a insegurança e falta do contato com essa linguagem em suas formações e seu cotidiano afeta possíveis iniciativas. Percebi que mesmo um simples momento proporcionado a elas, já traz diversas possibilidades de reflexão, tanto de conversas profundas sobre a arte na educação quanto apenas de descontração, oportunizando situações de troca e acolhimento. Concluo respondendo minha pergunta inicial e alcanço meus objetivos ao apontar que é importante e possível viabilizar experiências artístico-culturais à professoras pedagogas, para que se sintam instigadas a buscar mais sobre a arte, ocasionando possibilidades futuras para elas, tanto como profissionais da educação quanto como sujeito sensível.

Palavras-chave: Educação Infantil. Arte. Professoras Pedagogas. Artístico-culturais.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Primeira aquarela.....	13
Imagem 2 – Segunda aquarela.....	15
Imagem 3 – Terceira aquarela.....	17
Imagem 4 – Quarta aquarela.....	20
Imagem 5 – Quinta aquarela.....	21
Imagem 6 – Sexta aquarela.....	23
Imagem 7 – Sétima aquarela.....	26
Imagem 8 – Anotações em meu caderno de pesquisa 1.....	27
Imagem 9 – Oitava aquarela.....	28
Imagem 10 – Ingressos de peças teatrais que participou no ano de 1994.....	29
Imagem 11 – Barraquinha com pinturas faciais quando morou na Espanha.....	29
Imagem 12 – Fazendo malabares e perna de pau na cidade de Torres.....	30
Imagem 13 – Apresentação com monociclo na sua adolescência.....	30
Imagem 14 – Encenação da Paixão de Cristo.....	31
Imagem 15 – Pintando formas geométricas.....	32
Imagem 16 – Anotações em meu caderno de pesquisa 2.....	33
Imagem 17 – Nona aquarela.....	34
Imagem 18 – Pintura sobre plástico filme.....	35
Imagem 19 – Anotações em meu caderno de pesquisa 3.....	36
Imagem 20 – Pintura de texturas com rolinho e plástico bolha.....	37
Imagem 21 – Anotações em meu caderno de pesquisa 4.....	38
Imagem 22 – Oficina de aquarela, olhando pinturas.....	39
Imagem 23 – Décima aquarela.....	40
Imagem 24 – Oficina de aquarela, professoras pintando.....	41
Imagem 25 – Décima primeira aquarela.....	43
Imagem 26 – Produção final realizada por Carine.....	45
Imagem 27 – Produção final realizada por Gizeli.....	46
Imagem 28 – Produção final realizada por Jamilla.....	47
Imagem 29 – Depois da oficina de aquarela e prontas para o café da tarde.....	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PPA – Projeto de Pesquisa em Arte

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 ARTE NA ESCOLA: PARA QUÊ?	15
3 E AS PROFESSORAS PEDAGOGAS PODEM DAR AULAS DE ARTE?	19
4 É POSSÍVEL PROVOCAR O INTERESSE PELA ARTE?	24
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	26
6 CONVERSANDO SOBRE O ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	39
7 PROJETO DE CURSO	50
8 CONCLUSÃO	53
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

Desde que me lembro, eu já era professora. Brincar de escolinha era minha segunda brincadeira preferida, logo depois de desenhar. Quando iniciei o Ensino Médio fiz o curso de magistério pensando na possibilidade da profissão e por uma opção a mais no mercado de trabalho. Mesmo que não continuasse com o ofício (até porque na metade do segundo ano estava exausta da história de ser professora) concluí o curso para ter o esperado diploma.

Junto do estágio final, no ano de 2016, consegui bolsa para o curso de Artes Visuais Licenciatura na Unesc, era minha primeira opção para cursar a faculdade. Preferi o Bacharel à Licenciatura, relutante e com a certeza de que não queria mais ver uma sala de aula na minha frente. Para minha surpresa, iniciei como monitora em 2017 em uma escola de Educação Infantil da minha cidade, Torres/RS. Naquele momento não sabia ao certo dizer se eu gostava ou não do meu trabalho. Precisava de emprego e este estava na área que já era formada. Porém, saindo de casa antes das 08h00, voltava para casa apenas a 00h00, era um pesadelo! Estava no modo automático. Com o tempo fui me desgastando e chateando, cogitando a possibilidade de aquilo não me pertencer mais. Conciliar a faculdade, trabalho, família, tempo livre e a longa viagem que fazia todos os dias, me deixou em ponto morto. Mas no fundo sabia que amava o meu trabalho, gostava do contato com as crianças e minhas colegas de trabalho, valorizava tudo o que tinha aprendido.

Até que um belo dia consegui diminuir minha carga horária ganhando um novo contrato. Desta vez como professora regente. Trabalhando 20 horas semanais e com minha própria turma, consegui folgar minha mente e me empenhar com minhas questões pessoais, principalmente da faculdade.

Quando se tem contato com uma turma só tua, quando você convive todos os dias com crianças que esperam o melhor de você (tanto elas quanto os pais e a escola), é uma pressão gigante, uma responsabilidade absurda, mas eu sabia que estava no lugar certo, no lugar que eu queria estar.

Ainda me encontro trabalhando na mesma escola e com o mesmo cargo. E sou muito feliz com isso.

Mas, desde o início de minha caminhada nessa escola de Educação Infantil, vejo, e muitas vezes comparo, com o que aprendemos no curso em relação as aulas de Artes. Onde moro, as creches não têm professor de área, assim, as

crianças não têm aula de Artes com um profissional habilitado. Desta forma, fica sob responsabilidade da professora pedagoga trabalhar artes visuais, dança, teatro e música nas suas aulas, da mesma forma como ela desenvolve outras áreas do conhecimento, em um trabalho interdisciplinar.

Mesmo que com formações pedagógicas fornecidas regularmente pela Secretaria Municipal de Educação, com diversos professores que mostram a importância de se trabalhar a arte na Educação Infantil, a concepção que as professoras¹ têm sobre arte não é a mesma visão que construí a partir da minha graduação de Licenciatura em Artes Visuais.

Tenho em mente que a arte possa ser trabalhada de inúmeras formas junto de suas várias linguagens com as crianças de lá. Isso seria uma grande forma de ampliar o olhar crítico e sensível delas, mas tendo em mente que a arte é apenas desenho em uma folha de ofício ou usando ela dessa forma, não acredito que seria possível. Sempre escutei que as crianças são o futuro do mundo, mas acredito que seja impossível oportunizar um futuro adequado quando não oferecemos um presente de qualidade. Educação Infantil deve ser notada com toda a sua importância do início da formação social, política e histórica de cada sujeito.

Então questiono: como provocar as professoras da Educação Infantil, de uma escola que não tem professora habilitada em Arte, para pensar a arte como conhecimento?

É possível trabalhar as linguagens da arte na educação infantil? Como seria a relação de uma professora pedagoga com a arte, sendo que em sua formação não tiveram muitas experiências nessa área? Um ambiente escolar sem espaços voltados apenas para exposições de trabalhos das crianças ou mesmo uma sala de arte, pode se adequar para inserir mais dessa área do conhecimento? Trabalhar esse assunto com professoras de Educação Infantil traria o desejo de explorar a arte no ambiente escolar?

Questões como estas, me instigam a cada vez mais ir além como professora, em formar a cada passo meu caminho, onde não vejo necessidade de encontrar um fim, mas sim novos recomeços.

A pesquisa tem como seu principal objetivo, investigar formas de despertar

¹ Nesta escrita irei usar o termo professoras, no feminino, pois, além do fato de que a escola onde realizo a pesquisa atuam apenas mulheres, acredito que já existem muitos textos usando a nomenclatura homem generalizando o ser humano como sexo masculino.

a visão que professoras da Educação Infantil têm sobre a arte enquanto área do conhecimento e possíveis formas de ser trabalhada em sala de aula.

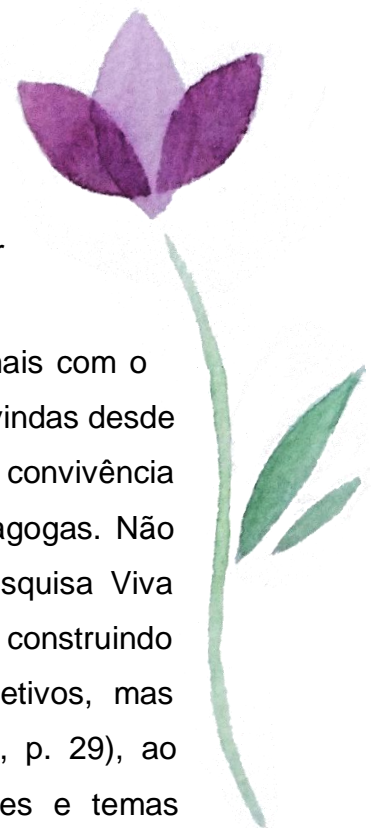
Como objetivos específicos, a pesquisa possui: observar professoras da Educação Infantil e perceber como integram a arte na realidade escolar, analisar a visão delas sobre o conhecimento da arte e suas linguagens e investigar formas que possibilitem o emprego desta área do conhecimento em sala de aula.

Analisando meu envolvimento e a forma como coloco minhas experiências de vida no que será pesquisado, vejo a a/r/tografia ideal como minha metodologia, fortalecendo a pesquisa.

Venho observando a realidade escolar onde trabalho e como a arte é deixada de lado. Investigo formas provocativas para professoras da Educação Infantil, de uma escola que não tem professora de Artes, para pensar a arte como conhecimento e desmistificá-la de ser apenas desenho. Acredito que essa pesquisa possibilitará a reflexão do corpo docente a partir de estudos de textos, visitas à escola, entrevistas às professoras pedagogas, relacionando a vida e a pesquisa, montando um objeto de estudo e de possível fruição, tanto na escola onde atuo como em mais escolas de Educação Infantil da região. Instigando assim, as professoras pedagogas e questionando a falta de um profissional voltado a Arte para essas escolas. Então, retomei minha primeira ideia ao escrever o PPA: fazer oficinas!

Vejo assim uma forma de me envolver ainda mais com o meio de pesquisa, relacionando minhas antigas vivências, vindas desde cursar o magistério, a entrada no Curso de Visuais e minha convivência com a Escola de Educação Infantil e as professoras pedagogas. Não apenas como uma pesquisa formal, mas como uma Pesquisa Viva (IRWIN, 2013) possibilitando me colocar dentro dela, construindo significativamente não apenas respostas aos meus objetivos, mas aprendendo e trocando. Assim como afirma Irwin (2013, p. 29), ao abordar sobre a/r/tografia, que “explorar ideias, questões e temas artisticamente origina maneiras de produzir significado, pessoal e coletivamente”. Oportunizar a essas professoras,

Imagem 1 – Primeira aquarela



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

e a mim mesma, novas oportunidades e novos olhares para com a arte.

Ao decorrer de minha escrita irão se deparar com algumas aquarelas. Pinto enquanto penso sobre o que vou escrever, para desopilar ou quando reflito sobre o que estou vivendo durante/com a pesquisa.

2 ARTE NA ESCOLA: PARA QUÊ?

Imagem 2 – Segunda aquarela.



A Lei Nº 13.278, sancionada no dia 2 de maio de 2016, dá o prazo de 5 anos para as escolas implementarem em todos os níveis da Educação Básica as artes visuais, a dança, o teatro e a música. Conforme a LDB n. 9.394/96, essas linguagens “[...] constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.”. (BRASIL, 1996, art. 26 § 6º), que é o ensino da arte, mas mesmo três anos depois de publicada, essa lei é pouco implementada na realidade escolar de muitos lugares.

Almeida diz que “na opinião de muitos professores, as artes têm um caráter utilitário, meramente instrumental” (2004, p.11) e vejo que isso é uma grande realidade na escola onde eu trabalho. As professoras pedagogas de lá, sempre olham as atividades artísticas como um auxílio para desenvolvimento de uma habilidade como a motricidade, por exemplo.

A maioria dos professores acredita que desenhar, pintar, modelar, cantar, dançar, tocar e representar é bom para as crianças, mas poucos são capazes de apresentar argumentos convincentes para responder: “Por que essas atividades são importantes e devem ser incluídas no currículo escolar?” (ALMEIDA, 2004, p. 13).

O pensamento de que a arte pode ser trabalhada apenas complementando outra área do conhecimento é equivocado. A LDB nº 9.394/96, quando determina questões do currículo na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, deixa claro que “o ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da Educação Básica”. (BRASIL, 1996, art 26, § 2º). Logo, é inadequado para uma importante área do

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

conhecimento como a arte ser apenas vista como suplemento pedagógico, assim como é

inadequado considerar as crianças na escola apenas para promover suas funções de habilidades e não para contribuir com o seu desenvolvimento cultural e construção de sujeito por meio da arte. É necessário que o professor seja aberto para trabalhar as diferentes culturas trazidas pelas crianças. Assim “[...] o motivo mais importante para incluirmos as artes no currículo da Educação Básica é que elas são parte do patrimônio cultural da humanidade, e uma das principais funções da escola é preservar esse patrimônio e dá-lo a conhecer” (ALMEIDA, 2004, p. 15).

Exercitar as produções culturais desde a infância possibilitando um crescimento social, político, crítico e sensível das crianças desde a Educação Infantil é preciso. Deste modo, é importante levar para a criança aquilo que ele não tem contato normalmente, pois como Lanier (1984) é citado por Almeida (2004, p. 17) “a escola pode ampliar o repertório dos alunos com base nas experiências que eles já têm ao chegar à escola”.

Assim como a cultura, podemos, a partir do ensino da arte, desenvolver o sensível, distinguindo-o do racional, pois “a arte expressa o sentir, concretizando os sentimentos de uma forma que possam ser percebidos” (SILVA, 2006, p. 41). Vendo o ensino da arte como mais uma possibilidade de pensar transformações a realidade de cada um, logo podemos incentivar a imaginação que transborda em cada criança, tal qual não pode ser desperdiçada apenas com desenhos livres com folhas de ofício e lápis de cor. Cada vez que lápis e papel são vistos como representantes da arte em sua totalidade, é possível perceber os obstáculos que as instituições de ensino colocam para a área da arte.

O desenho é de grande importância, principalmente quando pensamos na formação das crianças. Assim como afirma Ucker (2009 p. 80), onde os desenhos são tratados “[...] como marcas que mediam significados, nos aproximam e situam social e historicamente [...]”. Trabalhar e explorar com as crianças o desenho “impulsiona outras manifestações, que acontecem juntas, numa unidade indissolúvel, possibilitando uma grande caminhada pelo quintal imaginário” (DERDYK, 2015, p.32). Mas se deter apenas em práticas convencionais é um equívoco, é estar retirando a possibilidade de potencialização das crianças com a Arte em seu cotidiano.

A Educação Infantil traz consigo a importância do início da formação da criança como um sujeito crítico e social para uma futura sociedade. Mesmo que isso seja pensado e planejado para as crianças como as protagonistas do futuro, acredito que temos que destacar o aqui e agora. Propiciar possibilidades de vivências e

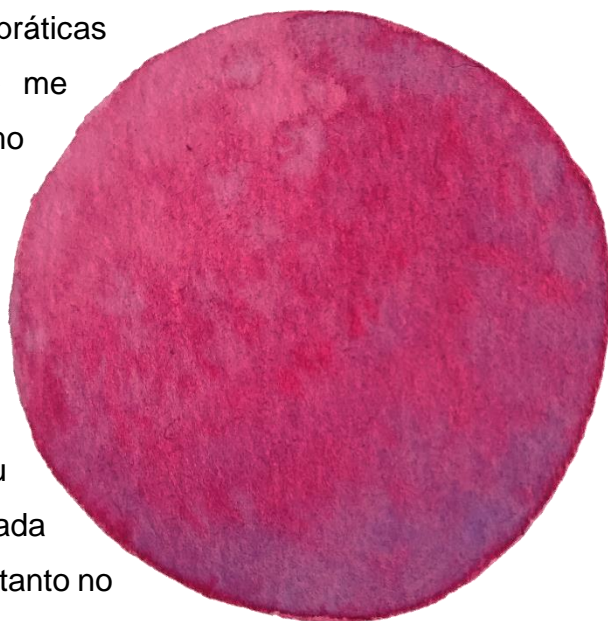
experiências para as crianças e não desbotar as cores que são visíveis nessa fase da Educação Básica. As

[...] Instituições de educação infantil, que apagam tudo e deixam tudo sem cor, cinzento, quando impõem às crianças uma única forma de ver e dizer o mundo. [...] Apagam tudo e pintam de cinza, quando utilizam a cópia, o desenho mimeografado, os exercícios de prontidão. (OSTETTO, LEITE, 2004, p. 81).

Continuo com o pensamento de Ostetto e Leite (2004, p. 15), em que depois de anos, a educação, em seus diversos

níveis, acabou por se estacionar em práticas permanentes. Trago novamente o que me questiono durante essa pesquisa, como motivar professoras pedagogas em tornar a arte mais presente no cotidiano escolar. É preciso que se perceba a importância desta área do conhecimento em sua totalidade, não apenas resumida no que essas educadoras viram em seu único semestre com uma disciplina voltada para arte. Trabalhar questões como essa, tanto no começo da formação do professor, em sua graduação, quanto no momento em que esse

Imagem 3 – Terceira aquarela.



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

professor for para a sala de aula. Significa “[...] desestabilizar o estabelecido, desacomodar, esgarçar o tecido necrosado pela mesmice e abrir novos canais, sempre mais e mais” (OSTETTO, LEITE, 2004, p. 15).

Abrindo novos olhares, caminhos e possibilidades para profissionais da educação para verem em seu cotidiano algo a mais para seus alunos, levando novas experiências e possibilidades inusitadas. É necessário fazer com que os professores saibam seus gostos, medos, vontades, limites, para que a partir disso desenvolvam possibilidades inesperadas.

Sensibilizar o movimento, o olhar e a escuta do professor contribuirá, sobretudo, para torná-lo um sujeito mais aberto e plural, mais atento ao outro; ampliará seu repertório e, conseqüentemente, seu acervo para criação [...], tornando sua prática mais significativa, autoral e criativa. (OSTETTO, LEITE, 2004, p. 23)

Buscar o novo, se inspirar, mudar, agir. Com essas ideias, pensamentos e contribuições, vejo a oportunidade de continuar pesquisando e alimentando a vontade

que sinto de buscar mais respostas e perguntas sobre como provocar o interesse pela arte nas professoras pedagogas da Educação Infantil.

3 E AS PROFESSORAS PEDAGOGAS PODEM DAR AULAS DE ARTE?

Iniciei minhas aulas na UNESC, no curso de Artes Visuais Licenciatura em fevereiro de 2016. Agora, fim do ano de 2019, estou concluindo minha caminhada de graduação, me formando apta para lecionar Arte em escola para crianças da Educação Básica. Porém, graduadas em Pedagogia também podem lecionar aulas de Arte, pois, segundo a Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de maio de 2006, no artigo 5ª, inciso VI, dia que a pedagoga deve “ensinar Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes, Educação Física, de forma interdisciplinar e adequada às diferentes fases do desenvolvimento humano” (BRASIL, 2006, p. 2). Reflito sobre quantas disciplinas tive na faculdade para concluir minha graduação de professora de Artes, enquanto uma estudante de Pedagogia estuda um curto período de tempo, habilitando-se para lecionar Arte na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Não as culpo ou muito menos desmereço o trabalho dessas educadoras, mas questiono: isso seria o suficiente para fornecer as crianças aulas de Arte de qualidade?

Art. 6º A estrutura do curso de Pedagogia, respeitadas a diversidade nacional e a autonomia pedagógica das instituições, constituir-se-á de: [...] aplicação, em práticas educativas, de conhecimentos de processos de desenvolvimento de crianças, adolescentes, jovens e adultos, nas dimensões física, cognitiva, afetiva, estética, cultural, lúdica, artística, ética e bio-social (BRASIL, 2006, p. 3).

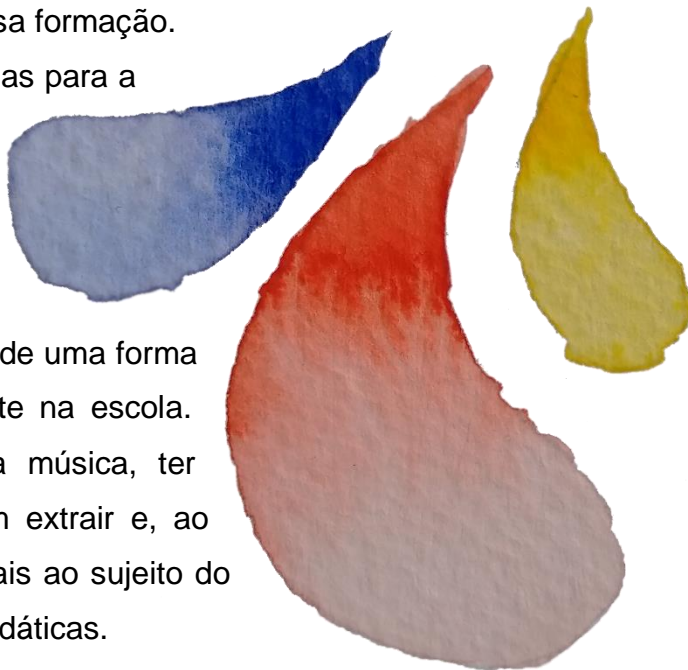
Penso na egressa do curso de Pedagogia que, ao assumir uma turma na escola, precisa inserir-se no meio educacional com todas as exigências que esse trabalho traz e muitas vezes não tem motivação ou mesmo tempo e dedicação para buscar conhecimento e interação para com o mundo da arte. Será que ela irá apenas reproduzir o pouco do contato que teve com arte na graduação? Ou lançará mão de receitas prontas disponíveis na internet? Ou reduzirá essa atividade ao simples colorir um desenho pronto?

A arte trabalhada com crianças pode (e deve) ir além de técnicas e práticas educativas institucionalizadas. Trazer formas artísticas junto do cotidiano, do meio social das crianças, trabalhando o sensível e explorando as culturas existentes na escola, vai além do que se espera de uma aula de Arte na Educação Infantil. Pode também, ir além do que se aprende em uma disciplina voltada para Arte. Trazendo a bagagem cultural que a Pedagoga tem em sua trajetória, não a acadêmica, mas a de vivências

Imagem 4 – Quarta aquarela.

e experiências não formais. O conhecimento acadêmico é importante, mas não se resume a tudo que temos para a nossa formação.

Aulas de graduação voltadas para a Arte podem ser específicas em ensinar técnicas e situar a educadora dentro desta área do conhecimento. Mas, métodos e aspectos como estes não capacitam de uma forma sensível quem irá trabalhar com Arte na escola. Olhar um quadro, ou escutar uma música, ter contato com uma exposição, podem extrair e, ao mesmo tempo, acrescentar muito mais ao sujeito do que estudos teóricos e orientações didáticas.



[...] trata-se de provocar nosso pensamento sobre que tipo de ética temos construído para a docência e de que modo apartamos historicamente a estética e a arte de nossos modos de pensar práticas pedagógicas, estratégias de ensino e nossa própria formação docente (LOPONTE, 2013, p. 10).

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Loponte (2013, p. 15) também afirma que “Nem tudo é arte, mas qualquer material, sentimento, objeto ou vontade pode materializar-se em uma produção artística”. Podemos relacionar isso com a docência. Por que não pensar em novas práticas pedagógicas a partir do que interiorizamos com experiências artísticas? Possibilitando diferentes aulas, desalojando costumes e provocando mais?

Ao analisar o documento mais atual da Educação Básica do país, a BNCC, na etapa da Educação Infantil, podemos selecionar especificamente algumas palavras importantes para a minha pesquisa. Assim, investido o que esse documento aborda ou defende ao pensar sobre os termos: **estética**, **artística**, **cultural** e **sensível**, não é possível encontrar nenhuma vez a palavra **estética** dentro da Etapa da Educação Infantil. Mas aparece oitenta e oito vezes durante todo o documento, nas etapas do Ensino Fundamental e Médio, nos componentes curriculares de Arte, Língua Portuguesa e Educação Física.

Já a palavra **artística** (ou no seu plural: artísticas) aparece cinco vezes, sendo elas referentes ao Campo de Experiência “Traços, Sons, Cores e Formas” e seus Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento, porém incluindo apenas a pré-escola que envolve crianças pequenas de 4 anos a 5 anos e 11 meses de idade. Ao

procurar por **cultural** (com suas variações: cultura e culturais), ela aparece dezessete vezes durante o texto e mais três vezes nos Objetivos de Aprendizagem e Desenvolvimento, dentre eles: “O Eu o Outro e o Nós” e “Traços, Sons, Cores e Formas” para crianças pequenas e “Corpo, Gestos e Movimentos” para Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses). Por último, ao buscar por **sensível**, constatamos apenas 1 vez a palavra dentro dos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento na Educação Infantil. No documento inteiro, aparece cinco vezes no Ensino Fundamental e cinco vezes no Ensino Médio.

Quando falamos sobre Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento na Educação Infantil presentes na BNCC, vemos seis tópicos que garantem

[...] as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem-se provocadas a resolvê-los, nas quais possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural (BRASIL, 2018, p. 37).

Entre os seis direitos presentes estão: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Concebendo a crianças como observadora, criadora e questionadora do meio em que vive, construindo conhecimentos a partir daquilo que vive e tem contato na escola e em seu cotidiano, traz a necessidade da **intencionalidade educativa**. Isso leva a professora como mediadora do conhecimento que a criança

Imagem 5 – Quinta aquarela.



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

vem construindo, fornecendo espaços propícios

para que isso aconteça. Sempre tendo a intenção naquilo que realiza, ocasionando vivências singulares ou coletivas dos alunos. Se não houver intenção de trabalhar Arte, sem proposições que despertem a curiosidade e vontade de experimentação, a professora

não vai oportunizar que a criança busque

e explore questões dessa área do conhecimento. Ou seja, priva as crianças das possibilidades artísticas que poderiam estar sendo vivenciadas.

Experiências artísticas mudariam o conceito e a forma como as professoras pedagogas trabalham a arte em sala de aula? Com isso, estou questionando se aquelas mulheres que tem mais contato com expressões ou experiências artísticas durante sua vida tem maior facilidade para integrar a Arte em sua trajetória escolar. Mas como ter experiências suficientes e marcantes? Ter experiência não é apenas ter o contato com algo ou alguém, vai além da pressa cotidiana que temos. Estar presente de diversas maneiras e não apenas observar; experienciar não é trabalhar nem se informar, assim pensa Larrosa (2014), onde o sujeito que deve ser aberto e receptivo. Ao contrário disso, sendo firme, não se entregar e ser definido pelo que acredita, não estará preparado para ser o suporte da experiência. É necessário se entregar, permitir ser tocado. Pois

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar[...] ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, p. 25, 2014).

Pensando nessa experiência tão singular e particular, que nos ocorre de uma forma própria e diferente daqueles que passaram pelo mesmo, recordo de um momento específico de uma formação pedagógica proporcionada pela Secretaria Municipal de Educação da minha cidade. Nela, a palestrante, doutora em educação licenciada em Artes, demonstrou técnicas, suportes e ideias para trabalhar a arte na Educação Infantil. Achei aquela palestra inspiradora, e mesmo no momento pensei que seria ótimo para professoras da área onde atuo ter contato com possibilidade diferentes como aquelas que estávamos tendo. Estava tendo reciprocidade da minha parte. Porém, com minhas colegas de trabalho, (e com muitas outras professoras que estavam ali), não aconteceu o mesmo. Elas não estavam entregues, apenas queriam que terminasse logo, enquanto conversavam ou mexiam nos celulares. Não posso culpá-las ou obrigá-las a ter gostado. Não permitiram serem tocadas, além disso, “ninguém pode aprender com a experiência do outro” (LARROSA, 2014, p. 32).

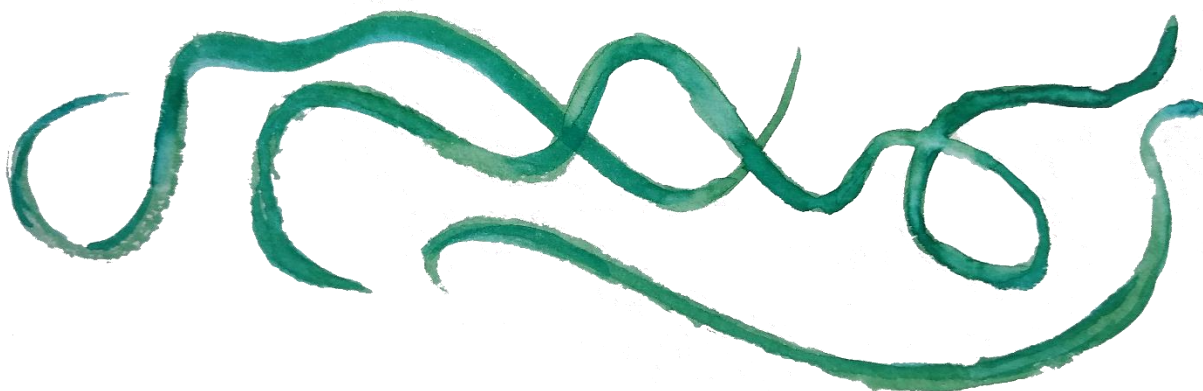
Penso que o fato das professoras pedagogas não terem tanto contato com assuntos e temas assim, deixe com que elas tenham certa barreira em se abrir para possíveis novidades ou assuntos com que elas não se sintam confortáveis em tratar.

Não serem próximas e não terem contato com a arte, pode criar uma provável resistência para esse assunto ou práticas referentes a ele.

O que deve ser pensado é que, com uma aula de artes insuficiente, diversas crianças que tenham a arte como sua principal linguagem e tenham facilidade de aprender e se expressar a partir dela, não terão oportunidades adequadas de instiga-la. Talvez as próprias professoras que tenham envolvimento com a arte, não saibam disso por falta de experiências apropriadas e/ou não estavam entregues a essas experiências.

Assim como Yolanda (2000) afirma que a professora precisa desenvolver estratégias para que consiga trabalhar envolvendo aquilo que as crianças sabem e tem como linguagens naturais junto daquilo que a própria professora tem. Pois “Educar e aprender não cessam são momentos fascinantes da vida. São infinitos e cheios de energia e prazer. É só fazer deles um ato de compartilhar e criar” (YOLANDA, 2000, p. 90). Oportunizar isso não apenas para a criança e em sala de aula, mas às professoras, que tenham oportunidades de conhecer e aprender com novos caminhos, fazendo com que reflita em suas práticas.

Imagem 6 – Sexta aquarela.



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

4 É POSSÍVEL PROVOCAR O INTERESSE PELA ARTE?

Pensar em cultura é pensar em uma amplitude de possibilidades e nas diversas formas que temos contato com ela. Antônio Candido (2007, p. 174-175), traz a literatura como algo abrangente, onde todos têm ou terão contato. Me aproprio do pensamento dele e faço uma analogia, referindo-me à cultura, pois assim como a literatura para o autor, acredito que a cultura também

[...] está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, causo, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance. (p. 174-175)

A partir das vivências e as experiências que temos, formamos aos poucos aqueles que realmente somos. A forma como as pessoas introduzem a literatura, neste caso a cultura, em seu meio social, fortalece naturalmente aquilo que pensam e fazem, manifestando e se firmando como sujeito cultural.

As professoras, influenciadoras do desenvolvimento infantil, precisam como sujeito sensível, mediar culturalmente seus alunos, pois estes também trazem para a sala de aula uma forte bagagem cultural. É muito variado o que cada criança traz, o que cada criança tem em seu cotidiano. A infância nem sempre é linda, realidades diferentes da nossa existem e se mostram frequentes nas escolas. Precisamos criar uma linha tênue entre o que vivemos culturalmente na nossa realidade e o que elas têm como a sua e traz consigo para a escola.

Assim, além da falta de uma formação mais completa para o ensino da arte, no caso da graduação em Pedagogia, é preciso reconhecer que, como Loponte (2008, p. 119) escreve, as professoras “[...] são frutos dessa mesma escola que valorizou demasiadamente [...] uma determinada racionalidade, em detrimento de outras formas de conhecer e pensar o mundo como as artes visuais, a música, o teatro e a dança”.

Como saber o que as professoras pedagogas fazem com a Arte em suas aulas? Mesmo sendo parte da minha realidade, ver como agem e permeiam essa área do conhecimento na prática se faz muito importante, então, realizei as observações com algumas colegas de trabalho na escola onde atuo como professora. No entanto, concluindo as observações, vi que a intenção que tinha – no início desta pesquisa, de realizar encontros provocando nelas o interesse pela arte – não era mais minha prioridade no momento. Então, modifiquei minha ideia inicial.

Minha escrita como uma Pesquisa Viva (IRWIN, 2013, p. 28), tenho o privilégio de mudá-la e formular novos caminhos que me levem até a conclusão. Bem como minha metodologia a/r/tográfica, meu TCC consequentemente

[...] é reflexivo, recursivo, refletivo e responsável. Reflexivo, ao repensar e rever o que aconteceu antes e o que pode advir; recursivo ao possibilitar que suas práticas espiralem por meio de uma evolução de ideias; refletivo ao questionar seus próprios preconceitos, suposições e crenças; responsável ao assumir o encargo de agir eticamente com seus participantes e colegas. (IRWIN, 2013, p. 30).

Vi durante as observações em sala de aula que precisava conhecer um pouco mais sobre aquelas professoras, tendo um encontro não tão formal e que pudesse escutar o que elas têm a dizer sobre a Arte. O que vi lá não era o que eu esperava, me mostrou mais do quanto é preciso melhorar o ensino da Arte na Educação Infantil e o quanto ele é precário. Nessas visitas às suas aulas, fiquei mais apreensiva sobre algumas práticas realizadas e curiosa se aquilo era a realidade diária das crianças e professoras. Um ambiente mais descontraído, onde eu seja principalmente a ouvinte, deixaria as professoras – participantes desta pesquisa – mais confortáveis de dialogar sobre.

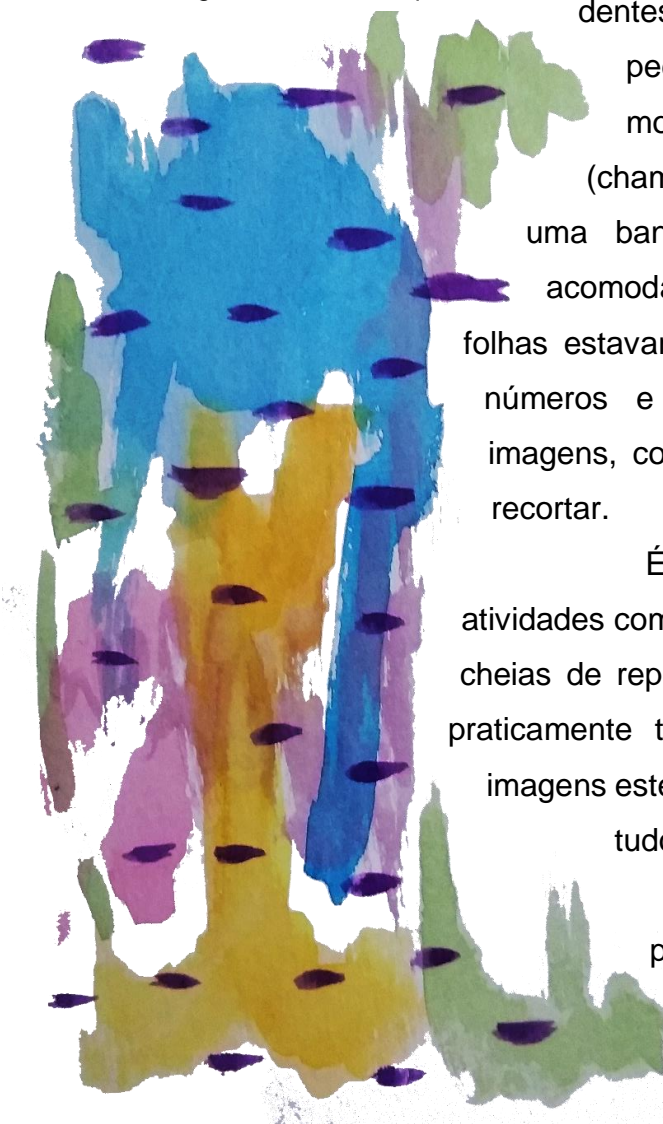
Pensando nisso, abri um novo caminho em minha pesquisa. Substitui as oficinas por um encontro. Um “café com arte”. Onde iríamos conversar, explorar um pouco da arte e suas possibilidades com a Educação Infantil e o mais importante: ouvir o que elas teriam a me dizer. Abrindo a possibilidade de saber mais sobre experiências artístico-culturais, vivências e vontades que elas guardam consigo

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Pensando na relação em que as professoras pedagogas tem, ou não, com a arte, observei quatro turmas de diferentes professoras enquanto aplicavam uma atividade. As observações foram feitas na Escola Municipal de Educação Infantil Alcino Pedro Rodrigues, situada na cidade de Torres, com professoras de diferentes turmas, entre elas: Maternal II B, Maternal II C e Pré I A no turno matutino e Pré II B no turno vespertino. Durante a pesquisa usarei o nome real delas.

A primeira turma que iniciei observando foi o Pré II vespertino da professora Jamilla, no dia 25 de setembro. Cheguei na sala as 16h00 e as crianças estavam

Imagem 7 – Sétima aquarela.



chegando também depois da escovação de

dentes. Conforme iam chegando a professora ia

pedindo para pegarem seus estojos nas

mochilas e escolher uma das atividades

(chamada por ela de fichas) que estavam em

uma bandeja no meio da sala, e então, se

acomodarem em um lugar para fazer. Nessas

folhas estavam atividades prontas com pontilhados de

números e letras, exercícios de comparação de

imagens, com desenhos para colorir e algumas para

recortar.

É inevitável não nos depararmos com atividades como essas na Educação Infantil. Não apenas

cheias de repetições cansativas para crianças fazerem praticamente todos os dias, mas também cheias de

imagens estereotipadas de objetos, animais, natureza e

tudo aquilo que as crianças incorporam e se

apropriam. É preciso que seja inserido,

para que seja desenvolvido, o sensível nas

crianças – e também nas professoras –

como algo cotidiano em sua sala de

aula, pois ele “[...] abre caminho para o

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

encantamento, o maravilhamento,

ingredientes essenciais para a recriação do cotidiano pessoal e profissional,

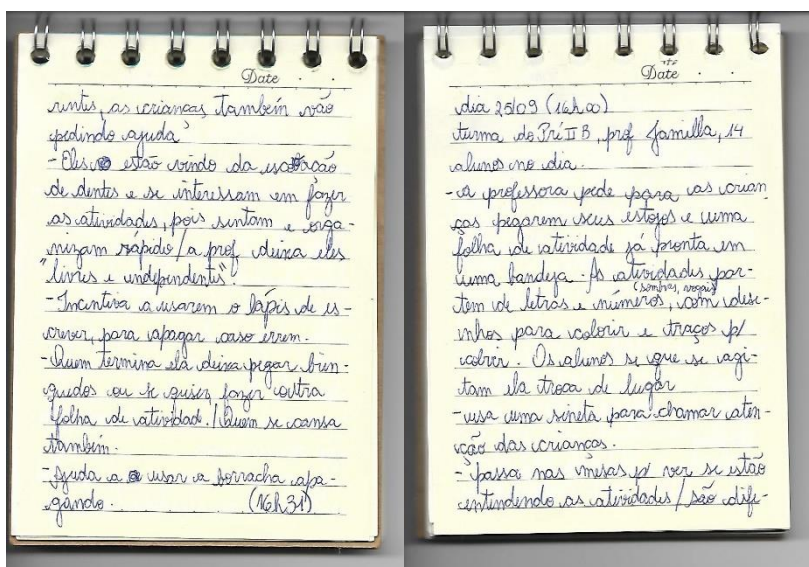
rompendo com a forma, ousando outros desenhos para o dia a dia". (OSTETTO, LEITE, 2004, p.13).

Cada criança podia pegar qual quisesse e iniciar da forma como achava que deveria ser feito, e Jamilla ia passando nas mesas para ajudá-los caso fosse preciso. Quando conversavam mais alto, ela usava uma sineta para chamar a atenção. Acho interessante a forma como ela usa um som para chamar a atenção das crianças para não ficar gritando incansavelmente. Vejo que é como um combinado entre eles. Acredito que ela adaptou uma outra forma para chamar a atenção das crianças que não fosse falar várias vezes de uma forma maçante. Diferente do uso da voz, o objeto que ela usou traz uma ludicidade para a ocasião, brinca com o som e habituando-os com um barulho diferente.

Assim, dentro de um processo ativo e lúdico, a criança poderá construir seu conhecimento musical quando interagir com os objetos sonoros existentes em seu contexto social [...] tanto o som da voz e instrumentos musicais definidos quanto ruídos, buzinas, campainhas, canto de aves ou demais sonoridades de nossa paisagem (LINO, 2017, p. 195).

Alguns se interessam bastante em realizar o que foi proposto e pegam outra folha quanto terminam a primeira, outros pegam brinquedo caso não queiram mais fazer. Ela também incentiva eles a usarem o lápis de escrever para poder apagar se for preciso, mas apaga para eles quanto tem algum erro. O tempo de todos terminarem demorou 31 minutos, que foi quando sai da sala.

Imagem 8 – Anotações em meu caderno de pesquisa 1.



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Quando perguntei para a professora Jamilla se ela tinha algum contato com a arte, ela disse que sim e me mostraria fotos. Alguns dias depois ela me entregou diversas fotos dela atuando em peças teatrais, espetáculos com estilo circense, fazendo pinturas faciais, trabalhando como professora com grupos de jovens atores, entre outras. Disse que tem contato com a arte desde pequena, inserida nesse meio pela mãe, que sempre incentivou e apoiou.

Imagem 9 – Oitava aquarela.

Vejo que todo o contato que ela teve com a arte em sua vida acadêmica ou não, influenciada desde cedo a estar entre o mundo da arte, não refletiu nessa aula em específico que observei. O que ela propôs em sala não caminhou na direção do que ela teve contato durante anos e tampouco o que vi em suas fotos. Penso também que possa ter sido a necessidade de aplicar uma atividade, e ter dado folhas prontas a eles pela facilidade que é. Também reflito na questão de a professora pedagoga não apenas apresentar para as crianças exercícios artísticos possivelmente elaborados em todos os dias letivos e ter a cautela de em nenhum dia aplicar folhas xerocadas com desenhos prontos. Porém, não pode ser considerada uma aula de Artes apenas propor uma ocupação do tempo da criança traçando linhas e cobrindo pontilhados.

Seria essa a realidade das aulas de Artes da professora Jamilla? Seria possível ela lançar mão da experiência de vida dela como possibilidade para trabalhar e experimentar com a turma, mesmo que causasse certo estranhamento no âmbito da escola? Sobre

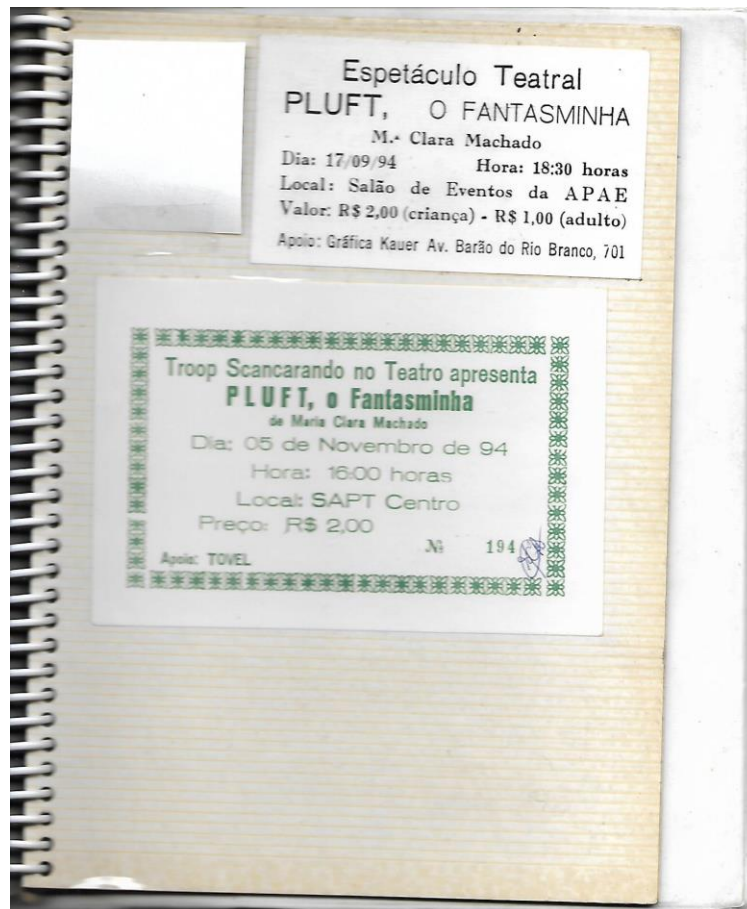
Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

isso trago novamente um pensamento de

Ostetto e Leite (2004, p. 23), ao afirmar que “[...] só se realiza se nos permitirmos viver o estranhamento, viver na experiência, enfim, se nos propusermos a conhecer.”. Procurar provocar nas crianças o que foi provocado nela durante esses anos de contato com arte.

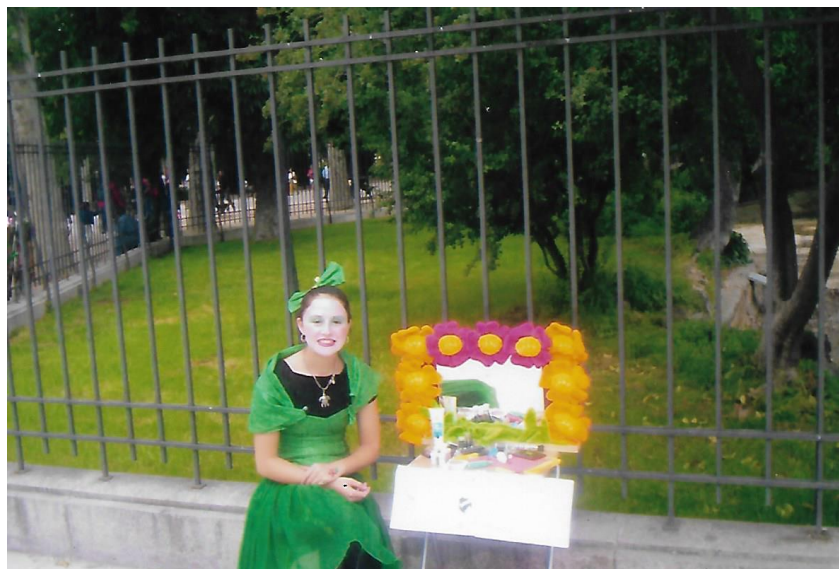


Imagem 10 – Ingressos de peças teatrais que participou no ano de 1994



Fonte: acervo pessoal de Jamilla.

Imagem 11 – Barraquinha com pinturas faciais quando morou na Espanha.



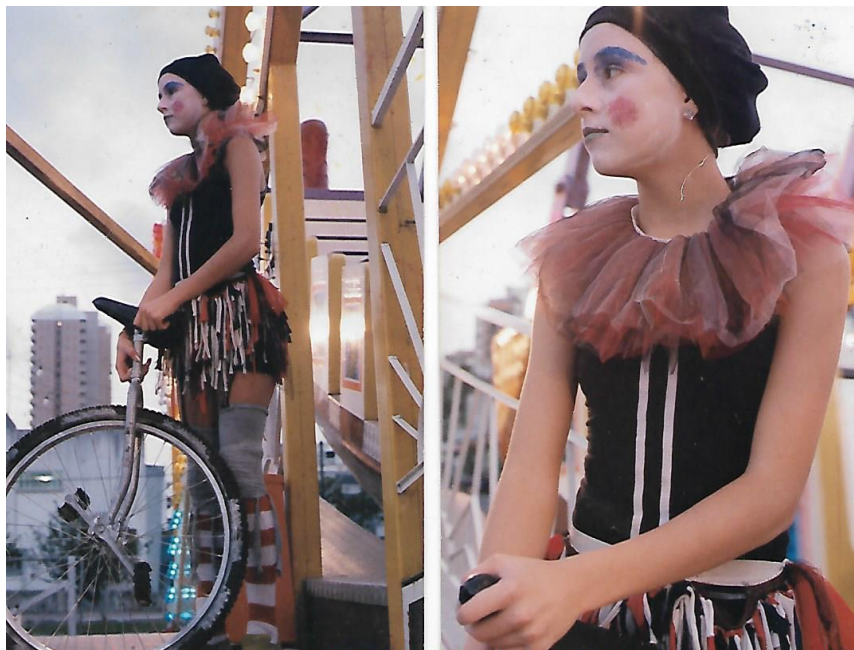
Fonte: acervo pessoal de Jamilla.

Imagem 12 – Fazendo malabares e perna de pau na cidade de Torres.



Fonte: acervo pessoal de Jamilla.

Imagem 13 – Apresentação com monociclo na sua adolescência.



Fonte: acervo pessoal de Jamilla.

Imagem 14 – Encenação da Paixão de Cristo.



Fonte: acervo pessoal de Jamilla.

A segunda observação para minha pesquisa foi na turma de Maternal II da professora Alessandra, na manhã de 02 de outubro. Na turma, estavam presentes 16 crianças juntos da professora regente, a monitora auxiliar e a monitora de inclusão que auxilia duas crianças autistas. Quando eu cheguei todos estavam sentados em um tapete no canto da sala, a professora explicou que estavam esperando a monitora preparar o local que iriam realizar a atividade do projeto sobre formas geométricas e cores.

Imagem 14 – Pintando formas geométricas.



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

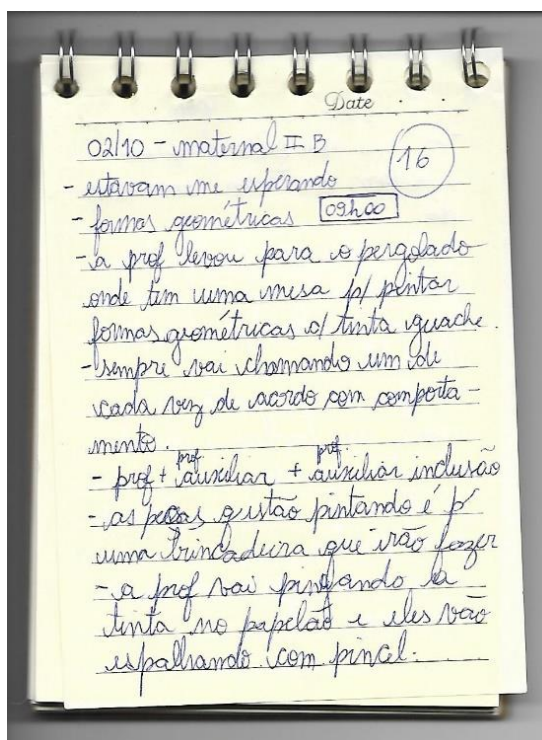
O lugar é um pergolado no pátio da escola, com uma mesa de madeira retrátil. A professora ia chamando um de cada vez para entregar uma forma geométrica recortada em papelão para levar até a mesa. Alguns ficaram esperando sentados enquanto os colegas realizavam a atividade. A Alessandra colocava a tinta direto no papelão enquanto as crianças espalhavam com o pincel. Cada forma geométrica tinha sua própria cor, enquanto faziam, as crianças eram questionadas sobre qual forma geométrica e com qual cor estavam pintando.

Quando eu observei essa aula, olhando as crianças terem que pintar cada forma geométrica da mesma cor proposta e apenas espalhando a tinta guache, me perguntei se isso era uma forma de padronizar a atividade ou de não ter tanto trabalho para limpar pincéis, mesa, e não 'dar tanta sujeira'. Mesmo assim, perguntei a professora Alessandra se ela tinha contato com arte, ela me respondeu um 'infelizmente não'. Portanto, aquela situação poderia ser um espelho do contato que ela não teve com a arte. Se buscamos a experimentação, o contato das crianças com suas vivências e a expressão do seu sensível, reproduzir formas geométricas normatizadas pela própria professora não se ajusta nessa concepção. A BNCC afirma que é preciso propor para compreender

[...] nas brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, na aproximação com a literatura e no encontro com as pessoas. Parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças (BRASIL, 2018, p. 39)

De acordo com o documento, nessa ação da professora Alessandra não vemos uma intencionalidade educativa, como abordo anteriormente apenas um produto pronto para as crianças reproduzirem, apenas indo além de uma folha de ofício impressa.

Imagem 16 – Anotações em meu caderno de pesquisa 2.



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

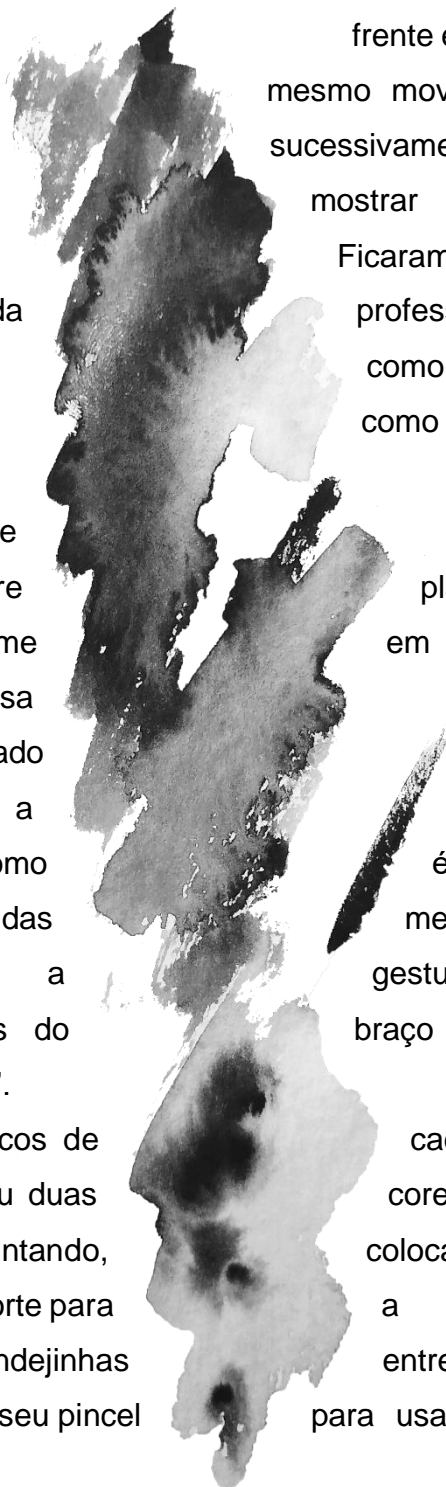
Na turma do Pré I A, quando cheguei na sala as 17 crianças estavam esperando sentados na roda enquanto a professora Gizeli preparava os materiais para a atividade. Entre elas, havia uma menina com hidrocefalia, que tinha acompanhamento de uma monitora de inclusão, mas naquela manhã não estava na sala de aula. A professora pediu para se apresentarem para mim, depois lembraram algumas partes que tinham como importantes do corpo humano (estavam trabalhando um projeto sobre o corpo). Propôs que todos cantassem e fizessem os gestos como ela da música “Cabeça, Ombro, Joelho e Pé” da Xuxa. Quando terminaram a música, começou a explicar uma brincadeira para fazerem antes de realizar a atividade – tudo

assim, bem rápido como estou descrevendo. Essa brincadeira é um telefone sem fio com movimentos corporais, Gizeli me justificou que seria a primeira vez que iriam brincar. Em fila, a última criança deveria chamar o colega a sua frente e fazer um movimento, então, deveria repetir o mesmo movimento para o outro colega a sua frente e assim sucessivamente até todos refazerem. O último deveria mostrar a todos como os movimentos chegaram até ele. Ficaram um pouco confusos, alguns precisaram de ajuda da professora, poucos repetiram os movimentos como ele foi proposto. Quando a brincadeira se deu como concluída, voltaram para a roda.

A atividade que realizaram era uma pintura com tinta guache sobre plástico filme. A professora enrolou o plástico filme em torno dos pés de algumas cadeiras. Me interessa essa atividade ao sair da folha de ofício A4 e ser usado outro suporte e outra perspectiva que não seja a horizontal, pois como afirma Cunha (2017, p. 34) o como é curioso “[...] propormos atividades além das mesas, para que tanto a percepção visual como a gestualidade corporal, e, em especial, os movimentos do braço e da mão sejam explorados de outras maneiras”.

Gizeli chamava poucos de cada vez enquanto os outros brincavam. Ela distribuiu duas cores de tinta guache para cada criança que estava pintando, colocando as cores em bandejinhas de ovos como suporte para a tinta. Enquanto pintavam, ela trocava as bandejinhas entre as crianças e os pincéis, pois, cada uma tinha o seu pincel para usar com aquelas duas cores que recebia. Quando terminavam de pintar os lados do plástico ela tirava a cadeira da sala para secar. Não sei se depois chegou a expor os trabalhos ou apenas tirou o plástico e colocou fora, até porque me disse que tinha ‘dó’ daquele trabalho, pois acabava indo para o lixo.

Imagem 17 – Nona aquarela.



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

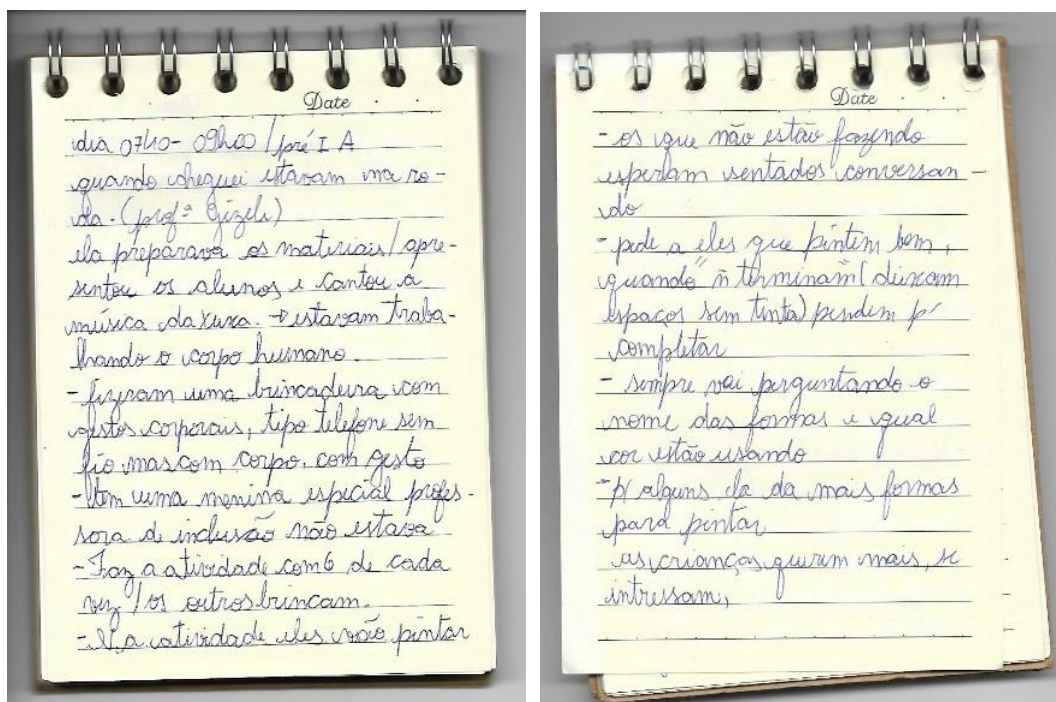
Imagem 18 – Pintura sobre plástico filme.



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Enquanto realizavam a pintura, conversava algumas coisas com ela, e me disse que até tinha pensado em fazer outra atividade com as crianças, mas achava muito 'tradicional' e ficou receosa. Quando perguntei se tinha contato com a arte me respondeu que teve algumas coisas quando fez o magistério e trabalhou um pouco com teatro durante a faculdade de Pedagogia, mas nada que fosse muito significativo para ela.

Imagem 19 – Anotações em meu caderno de pesquisa 3.



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

A última turma que observei, ainda no turno matutino, foi o Maternal II C da professora Carine. Naquela manhã haviam ido apenas 5 crianças. Ao chegar na sala, estavam sentados em volta de papéis pardos colocados no chão e cada um tinha uma folha tamanho A3 e um rolinho de pintura com plástico bolha envolto na espuma. Eles iam experimentar pintura e texturas. A professora colocou tintas sobre tampas de potes, cada tampinha tinha uma cor de tinta. Pediu para que começassem a pintar colocando o rolinho na tinta e espalhando pela folha. Cada criança começou a pintar com uma determinada cor, então Carine deixava eles pintarem um pouco e depois dizia que iria contar até cinco e trocar as cores de lugar. E assim fazia um rodízio das cores entre as crianças para que cada uma usasse todas as cores.

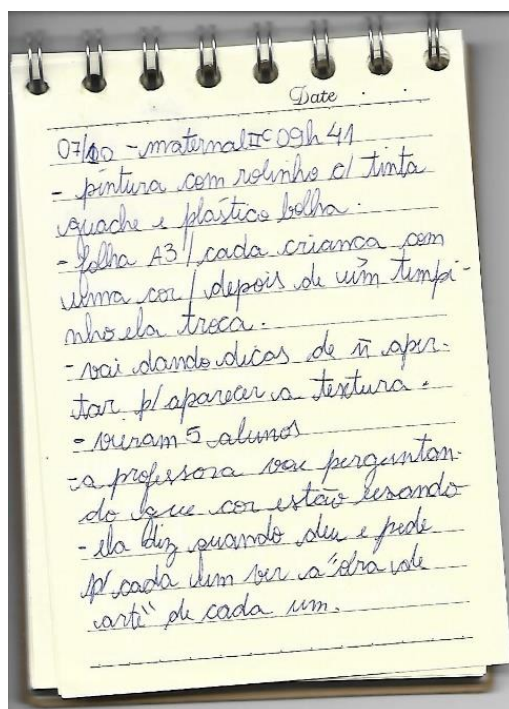
Imagem 20 – Pintura de texturas com rolinho e plástico bolha.



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Algumas crianças pintaram as cores separadas em cada espaço da folha enquanto outras misturaram todas as cores juntas. Quando uma delas dizia que o trabalho do colega não estava bonito, ela pedia para que não julgassem a pintura dos amigos, pois cada um fazia do seu jeito. Carine também perguntava para eles as cores que estavam usando e pedia para que não apertassem muito o rolinho para ficar a marca do plástico bolha no papel. Depois de cada um ter usado cada uma das cores, ela pediu para que deixassem ali que depois iria expor, então saíram para brincar no pátio da escola.

Imagem 21 – Anotações em meu caderno de pesquisa 4



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora

Quando perguntei a ela se tinha tido contato com arte ele me respondeu que não. Também achei curioso que antes mesmo de ir observar, enquanto combinávamos o dia, ela se preocupou no que iria aplicar com as crianças, pois dizia não conhecer arte e o que poderia trabalhar com a turma.

Após ter observado as aulas, conversei com as professoras convidando-as para nos encontrarmos para conversar um pouco, sobre as aulas, sobre ser professora, sobre a arte e o que mais o momento nos oportunizasse. Elas já se mostraram animadas e interessadas em nos reunirmos e a professora Jamilla destacou que era importante estar fazendo parte de uma pesquisa de TCC.

E assim fizemos, no dia 15 de outubro, Dia do Professores, nos reunimos em minha casa para um 'Café com Arte'.

6 CONVERSANDO SOBRE O ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Preparei uma oficina de aquarela para elas; como é a técnica que eu mais uso na pintura, quis mostrar um pouco para elas e depois, um café da tarde com lanches. Deixei alguns de meus materiais de aquarela sobre a mesa e depois delas chegaram, exceto Alessandra que teve um imprevisto e não conseguiu se encontrar conosco. Comecei a mostrar algumas de minhas produções, elas prestaram atenção e estavam bem interessadas, olhavam as pinturas e falavam sobre como não imaginavam que aquilo era aquarela e que nunca tiveram contato. Gizeli contou que anos atrás fez um curso de pintura em tecido, que gostava muito de pintar e ter contato com outras pessoas que estavam pintando. Falaram que deveria dar trabalho para realizar aquilo que estavam vendo e o custo deveria ser alto, e que muitas pessoas não dão o valor merecido para a arte.

Imagem 22 – Oficina de aquarela, olhando pinturas.



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Quando falei sobre o valor de alguns dos materiais de aquarela, um dos primeiros pontos que elas mesmas levantaram foi de como seria possível usar aquele material em sala de aula sendo que, normalmente materiais de uso comum ou básicos não são presentes na escola. E também que, com muitas crianças em sala de aula, fica complicado trabalhar com todos ao mesmo tempo, não conseguindo atender a todos, ou, ao organizar por pequenos grupos muitas vezes acontece certa

desorganização. Vejo que esses dois pontos são recorrentes em falas de professoras da Educação Infantil em escolas públicas, o fato de nem sempre ter materiais fartos ou de qualidade para trabalhar ou ter dificuldades com o número de crianças para produzir algo mais elaborado. Além desses aspectos, as professoras as vezes citam o fato de eles terem pouca idade e muita dependência para realizar diversas ações, mesmo que cotidianas.

No interior das instituições de educação infantil, observamos que a utilização do material é, na maioria das vezes, selecionada aleatoriamente ou [...] a opção depende da realidade das instituições, ou seja, muitas vezes usamos o que é possível, o que se tem. (PILLOTTO, 2007, p. 20)

Imagem 23 – Décima aquarela.

Acredito que a precarização de muitas escolas públicas acaba desanimando mesmo as professoras que tem vontade de realizar aulas diferenciadas. Mesmo sendo justa essa desmotivação a partir da não valorização do seu trabalho a ponto de não conseguirem trabalhar certas coisas em sala de aula, essa seria a única justificativa? Não teria formas de planejar algumas atividades artísticas novas para as crianças com o pouco que se tem na escola? Segundo Cunha (2009, p. 10)

Uma das maneiras de o adulto romper suas formas cristalizadas é resgatar seu próprio processo expressivo, voltando a *brincar* com os materiais, não tendo medo de *mostrar* suas próprias descobertas formais, espaciais e colorísticas, lançando-se junto com as crianças na aventura de criar o inusitado, acompanhando o processo expressivo infantil junto com seu próprio processo.

Durante minha fala sobre o uso da aquarela, o intuito da transparência e camadas sob o papel, comentaram que aquilo seria uma técnica e não um conceito de arte. Gizeli contribuiu falando que eu nasci com o 'dom' de pintar assim - descrevo isso com as palavras dela – e ficaria difícil para alguém que não tem aquela predisposição ensinar as crianças. Nesse momento questionei sobre ter que saber desenhar para lecionar aulas nessa área, pois muitos de meus colegas da graduação, por exemplo, não têm produções ou pesquisas voltadas para essas linguagens (desenho e pintura). Usam o corpo com dança, performance, teatro, música, escultura ou

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.



cerâmica, são professores pesquisadores ou se interessam por curadorias. Completaram minha fala ao afirmarem que isso seria ideal que todas as professoras soubessem ou tivessem contato, pois muitas pensam que arte é um desenho estereotipado, assim “impossibilitam a constituição da linguagem visuais e de leituras plurais sobre o mundo” (CUNHA, 2017, p. 25).

Imagem 24 – Oficina de aquarela, professoras pintando.



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora

Durante a conversa, fomos explorando técnicas e possibilidades na aquarela, como técnica aguada, o degradê, a mudança de cores e mistura de tons. Ofereci papéis, tinta aquarela, pincéis e godês. Carine disse acreditar que cada um tem uma concepção de desenho e de arte, pois a visão estética de cada um é muito diferente. Essa diferença de concepção fica mais visível ainda no campo profissional delas, já que elas, trabalhando com crianças pequenas – que gostam de experimentar os materiais e tem uma estética diferente do que muitas professoras esperam, ou que os próprios pais esperam – muitas vezes não podem intervir nessa exteriorização da criança. Complemento a fala dela com Cunha (2017, p. 21), declarando que

[...] nós, adultos esperamos ver aquela árvore tradicional com tronco marrom, copa arredondada verde e o céu com nuvens azuis. No entanto, essa pintura infantil é o modo singular [...] imaginação, memória e materiais se embricam na formação de imagens particulares e significativas tanto para o professor como para a crianças.

Jamilla diz acreditar que quanto mais convivemos com arte, frequentando espaços, produzindo, entramos em contato e conseguimos tanto reproduzir quanto acrescentar isso no dia a dia escolar. Dessa forma, questionei ela sobre o dia que fui observá-la, que em sua aula deu folhas prontas para as crianças fazerem. Me afirmou que, com certeza, faz outras atividades com as crianças, porém, naquele dia acabou propondo aquilo por conta de ser muito exigida pela equipe diretiva da escola, em adaptar a turma com o uso de folhas prontas e atividades naquele modelo preparando para a transição que irão fazer ao passarem no próximo ano ao primeiro ano do Ensino Fundamental. Então, acaba dando mais vezes folhas xerocadas por conta das recomendações que recebe, alternando junto de outras propostas quando consegue conciliar. É muito frequente esse conflito entre o último ano da Educação Infantil e os primeiros anos do Ensino Fundamental, onde as crianças saem de um espaço lúdico que muitas vezes está preparado, ou deveria estar, para acolher e prosseguir conforme o tempo das crianças. Está presente na BNCC (2018, p. 53) que, na transição entre essas duas fases da Educação Básica deve haver equilíbrio e continuidade naquilo que o aluno aprendeu anteriormente “evitando a fragmentação e a descontinuidade do trabalho pedagógico”. Não tratando como uma exigência para poder iniciar o Ensino Fundamental, mas sim, “[...]de objetivos a ser explorados em todo o segmento da Educação Infantil, e que serão ampliados e aprofundados no Ensino Fundamental [...]” (BRASIL, 2018, p. 53). Trago também Romagna (2006, p. 17) e sua ideia de que é necessário o uso do lúdico durante a estadia da criança na

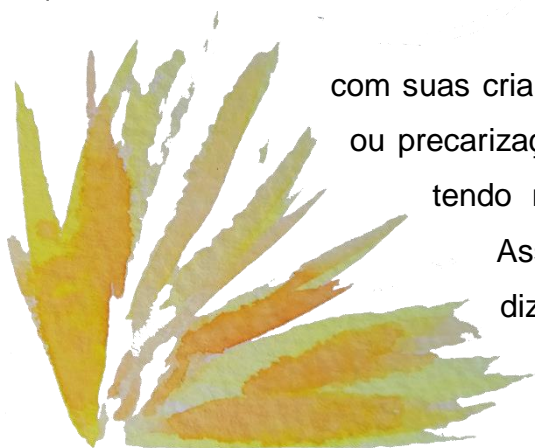
escola, auxiliando no segmento de sua aprendizagem. A união da arte e da ludicidade proporciona para as crianças

[...] experimentar novas situações, desenvolvendo a percepção, imaginação, fantasia e sentimentos, ainda ampliando seu lado emocional, afetivo, e algumas áreas do domínio cognitivo, tais como a capacidade de registro, representação, análise e criatividade.

Outra questão que abordaram durante nossa conversa, foi quando toquei na palavra sensível e o quanto ela faz falta por nem sempre estar presente no cotidiano escolar. Seja não valorizando as produções realizadas por crianças pequenas ou não enxergando a potencialidade que as produções desta faixa etária podem ter. A partir desse assunto, as professoras participantes deste estudo manifestaram acreditar que trabalhando o corpo com as crianças, de uma forma sensível, poderia haver mais respeito entre esse contato que existe e é tão temido. Confessaram que muitas vezes têm receio ao falar sobre o corpo e sobre como será a reação dos pais, afirmando que ultimamente é um assunto delicado a ser proposto. Para elas, seria interessante invalidar a ideia de um corpo intocável e nunca mencionado, assim, havendo menos medos do próprio corpo das crianças e entre os colegas e se sentirem mais confortáveis com esse assunto. Assim,

Partindo-se da ideia do conhecimento do próprio corpo, o fato de a criança aprender a percebê-lo, a querê-lo e não sentir inibida nem envergonhada dele, tentando estabelecer uma melhor relação corporal, irá contribuir para a sua inserção social e cultural. (VARGAS, 2017, p. 240)

Imagem 25 – Décima primeira aquarela.



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Vi naquelas professoras pedagogas a vontade que elas têm de conversar sobre o que trabalham ou poderiam trabalhar artisticamente com as crianças. Enxerguei nelas a vontade de realmente fazerem algo diferente com suas crianças, mas por conta de poucas oportunidades ou precarização da Arte na Educação Infantil, acabam não tendo momento oportunos e prazerosos para isso. Assim como o desabafo da professora Jamilla ao dizer que acredita que se todos tivessem mais oportunidades de estar em contato com a arte, envolvendo-se e participando, oportunizaria mais momentos onde professoras como elas mostrariam afeição na

arte. Afirmo isso trazendo Leite (2008, p. 34) ao declarar que “Produções artístico-culturais são janelas abertas de diálogo com o público contemplador – mais do que isso, são registros singulares de experiências estéticas únicas que serão ressignificadas permanentemente quando colocados no debate [...]”. Esse encantamento deve acontecer para a arte abrir a sua porta das curiosidades e possibilidades nessa fase da Educação Básica.

Oferecer às professoras pedagogas da Educação Infantil oportunidades de permear os espaços artísticos-culturais propiciando engrandecimento de experiências estéticas e sensíveis abriria a possibilidade das mesmas se apropriarem de novas formas de ver e pensar a arte em sala de aula. Leite (2008, p. 35) já afirmava isso, ao sugerir uma “articulação do velho em novo”, a partir da reflexão de que

[...] analisar criticamente os processos de apropriação e produção em arte e as condições oferecidas por diferentes espaços para a sua concretização vem contribuir na reformulação dos processos de formação de professores e nos projetos de ação na área artístico-cultural das escolas e demais instâncias culturais, bem como subsidiar elementos para as políticas públicas de acesso à cultura (*idem* p. 35).

Chegando ao fim do nosso encontro, pedi para que elas, em um pedaço de papel, escrevessem e/ou pintassem algo a relação e a expectativas delas com a arte depois daquele momento. Ficaram em dúvidas, receosas do que iriam fazer, mas aqui estão os resultados:

Imagem 26 - Produção final realizada por Carine.

Quando pensamos em "ARTE", a
palavra em si é ampla. Descobrimos
que desconhecemos muitas coisas,
principalmente em relação às
técnicas com crianças.

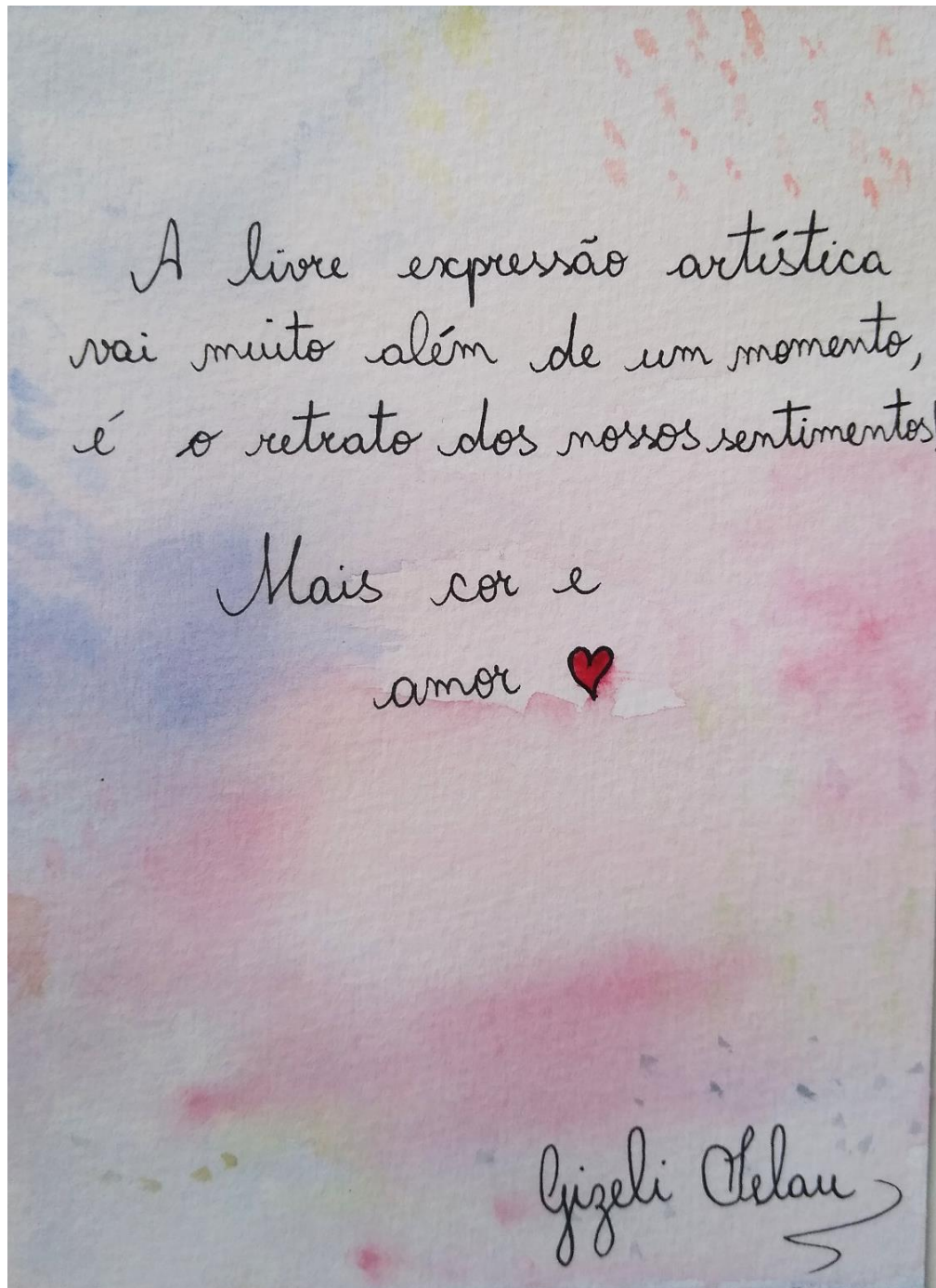
Acabamos reproduzindo atividades
 prontas e muitas vezes sem mexer
alguém, apenas por achar "bonitinha".

Nos falta ousadia, pois buscamos
e permitimos nos revelar!

Carine Lopes

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Imagem 27 – Produção final realizada por Gizeli.



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Imagem 28 – Produção final realizada por Jamilla.



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

As falas das professoras em nosso encontro me deixaram ainda mais curiosa nas possibilidades delas com a arte. É visível em suas falas a vontade que tem de levar a Arte para a sala de aula, porém, a insegurança e falta do contato com essa linguagem em suas formações e seu cotidiano afeta possíveis iniciativas. Podando possibilidades incríveis. Acredito na potencialidade que teriam oficinas artísticas ofertadas para essas professoras pedagogas, possibilitando esse contato delas com a arte e, além disso, possibilitando um espaço para uma mudança identidade dessas professoras. Como foi dito no encontro, que o contato com a arte poderia proporcionar mais a elas.

Imagem 29 – Depois da oficina de aquarela e prontas para o café da tarde.



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Talvez a falta de tempo ou o comodismo de participar de propostas ou ambientes que desafiem novos olhares e contribuam com a formação artístico-cultural, tire das professoras novas possibilidades. Proporcionar para a professora não apenas uma formação docente em artes, mas também, proposições e possibilidades que enriqueçam a formação individual e sensível de cada uma delas. “O saber está em toda a parte, não só no professor, não só no livro, no interior da escola, mas no museu, na biblioteca, no cinema, nos centros culturais, na Internet, nos infinitos espaços sociais que nos rodeiam, que nos invadem” (GUIMARÃES, NUNES, LEITE, 1999, p. 163). Instigar a vontade nelas de se deixarem ser inundadas pela arte

proporcionando autoconhecimento, identificando-se com aquilo que apreciam e fruem. Desfrutando de espaços, construções e a partir disso, como também afirmam Guimarães, Nunes e Leite (1999, p. 161), “[...] refletir a respeito de seus próprios processos de apropriação de conhecimentos, de suas relações com os alunos, de seus dilemas, de suas conquistas e de sua história”.

Proporcionar e desafiar as professoras a mergulharem nessas experiências, entregando-se, oferecendo a elas uma autognose, para que assim, possam pensar a arte como conhecimento.

7 PROJETO DE CURSO

TÍTULO: Vivenci(arte).

JUSTIFICATIVA:

Este projeto vem com o intuito de proporcionar às professoras graduadas em Pedagogia momentos artístico-culturais promovendo troca de experiências e oportunizando novos olhares para a arte e novas linguagens artísticas. Refletindo sobre como a arte pode influenciar sua vida ou está presente em seu cotidiano é possível ampliar o conhecimento para além da simples apropriação de técnicas ou formações teóricas pois “no contexto atual, a formação estabelece-se como formação cultural, contemplando o amplo acervo imagético, literário, artístico, musical das mais diversas produções humanas disponíveis” (GUIMARÃES; NUNES; LEITE, 1999, p. 163).

Possibilitar uma oficina a elas pode acontecer uma possível desconstrução ou um caminho que instigue isso.

A partir do olhar do outro posso produzir a diferença em mim mesmo, me multiplico, me transformo. [...] A discussão desses temas, alavancados por experiências estéticas no âmbito da docência (em qualquer área de conhecimento), pode trazer para o campo da formação docente algumas articulações realizadas em pesquisas sobre grupos de formação docente como potencializadores estéticos para a formação, por exemplo, ou ainda as possibilidades de pensar as provocações das artes visuais contemporâneas e as suas possíveis relações com formação docente. (LOPONTE, 2013, p. 9)

É preciso pensar nas professoras não só pela sua profissão docente, mas também como sujeito que têm vivências sociais para além da sala de aula. Assim, abrir discussões e conversar acerca da arte, potencializando a vontade de conhecer e permear em torno dessa área do conhecimento.

EMENTA: Experiências estéticas e artísticas.

PROPOSTA DE CARGA HORÁRIA: 09 horas.

PÚBLICO ALVO: Professoras pedagogas da Educação Infantil da Escola Municipal de Educação Infantil Alcino Pedro Rodrigues.

OBJETIVO GERAL:

Proporcionar para as professoras pedagogas experiências artísticas e culturais de maneira não formal, favorecendo um espaço para criações e vivências estéticas e reflexivas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Investigar formas de pensar a arte como meio de expressão artístico-cultural;
- Realizar experiências artísticas contemporâneas;
- Refletir sobre a potencialidade para formação de identidade pessoal e pedagógica.

METODOLOGIA:

Durante a pesquisa foram observadas quatro professoras, porém, na realização das oficinas serão oportunizadas também para outras professoras participarem. As oficinas serão voltadas para expressão corporal, música e desenho contemporâneo, nas salas da própria escola, depois do turno da tarde.

No primeiro encontro iremos conversar sobre o contato que cada uma teve ou tem com a arte, durante sua vida acadêmica ou não. Depois, daremos início a oficina de expressão corporal, com tempo previsto de 3 horas, abordando experiências com o corpo, controle e limitações dos movimentos e do espaço.

No segundo encontro, abriremos a oficina conversando sobre a relação que cada uma teve com seu corpo nas práticas do encontro anterior. Em seguida, iniciaremos nossas práticas de música, experienciando sons, barulhos e ruídos, testando ritmos e timbres, com duração prevista de 3 horas.

No terceiro e último encontro, faremos experiências com desenho contemporâneo, utilizando materiais diferenciados em diferentes suportes, em um período de 3 horas. Logo depois, uma conversa sobre a potencialidade da arte no cotidiano e como aqueles encontros tocaram e/ou influenciaram elas de alguma forma. Assim, encerrando os encontros artísticos, oportunizando novas experimentações e vivências para as professoras.

REFERÊNCIAS:

GUIMARÃES, Daniela; NUNES, Maria Fernanda Rezende; LEITE, Maria Isabel. História, cultura e expressão: Fundamentos na formação do professor. In: KRAMER, Sonia et al (Org.). **Infância e Educação Infantil**. Campinas: Papyrus, 1999. p. 159-174.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte e metáforas contemporâneas para pensar infância e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Porto Alegre, v. 13, n. 37, p.112-188, jan. 2008. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação.

8 CONCLUSÃO

A pesquisa teve início com a dúvida de como provocar as professoras da Educação Infantil, de uma escola que não tem professora habilitada em Arte, para pensar a arte como conhecimento. Com objetivo de investigar a relação das professoras pedagogas com a arte e se trabalhar esse assunto com elas traria o desejo de explorar a arte no ambiente escolar.

Durante a escrita da pesquisa, vi que a maioria das professoras pedagogas observadas não tiveram contato com arte em sua formação pedagógica ou mesmo em seu cotidiano. A falta desse contato reflete visivelmente em sala de aula, com atividades que não entusiasma as crianças ou até mesmo não provocam o sensível neles. Repetição de materiais, técnicas, metodologias e carência de perspectivas, misturados com imagens estereotipadas e crianças caminhando de encontro a modelos prontos de resultados e pensamentos. Tive ainda mais certeza disso ao ter uma conversa com elas, descrevendo o quanto gostariam de ter mais possibilidades, tempo e contato com o meio artístico para poder trabalhar melhor arte com seus alunos.

Percebi que mesmo um simples momento, como um café da tarde com algumas pinturas em aquarela, já traz diversas possibilidades, tanto de conversas profundas sobre a arte na educação quanto apenas de descontração, oportunizando situações de troca e acolhimento. Tenho a certeza que respondo minha pergunta inicial e alcanço meus objetivos ao concluir que viabilizar experiências artístico-culturais à professoras pedagogas, que se sintam instigadas a buscar mais sobre a arte, ocasionando possibilidades futuras para elas, tanto como profissionais quanto sujeito sensível.

Me sinto grata com as experiências que tive durante o desenvolvimento desta pesquisa, pois, observando e estudando sobre professoras da Educação Infantil, acabo espelhando muitas de minhas ações que posso buscar melhorar e desacomodar. Vejo como um dos maiores inimigos de quem leciona, o comodismo. É necessário sempre procurar mais, nunca saciar a sede pelo conhecimento, nem que seja a partir de experiências que venham contemplar boas memórias e vivências.

Assim como o amor que eu tenho em trabalhar com crianças dessa faixa etária. Me espelho no mesmo sentimento em que as professoras de minha pesquisa transbordam e quero poder proporcionar a elas ainda mais chances de inserir arte no ambiente escolar. Assim como a aquarela, ser suave e preencher os espaços dissolvendo de forma solta. Possibilitando descolorir a Educação Infantil para que as crianças, junto das professoras, pintem com suas próprias cores.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cecília Maria de Castro. Concepções e práticas artísticas na escola. In: Sueli Ferreira. (Org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. 3 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2004, p. 11-38.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 09 out. 2019.

_____. **Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016**. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte.. . Brasília, 22 maio 2016. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

_____. Lei de Diretrizes e Bases (1996). Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Lei Nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996**. Brasília: Mec, 20 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 03 out. 2019.

_____. **Resolução CNE/CP Nº1, de 15 de maio de 2006**. Conselho Nacional de Educação Conselho Pleno. Brasília, Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf>. Acesso em: 07 set. 2019.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Pintando, bordando, rasgando, desenhando e melecando na educação infantil. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da (Org.). **Cor, Som e Movimento: A expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. 7. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009. p. 7-36.

_____, (Org.). A Importância das Artes na Infância. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da (Org.). **As Artes no Universo Infantil**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2017. p. 11-54.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. Porto Alegre: Zouk, 2015.

GUIMARÃES, Daniela; NUNES, Maria Fernanda Rezende; LEITE, Maria Isabel. História, cultura e expressão: Fundamentos na formação do professor. In: KRAMER, Sonia et al (Org.). **Infância e Educação Infantil**. Campinas: Papyrus, 1999. p. 159-174.

IRWIN, Rita L.. A/r/tografia. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Org.). **Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia**. Santa Maria: Ufsm, 2013. p. 27-35.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. Tradução de Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi.

LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. Educação e as linguagens artístico-culturais: processos de apropriação/fruição e de produção/criação. In: **Educação e arte : as linguagens artísticas na formação humana**. Campinas, SP :Papirus,2008. p. 27-36.

LINO, Dulcimarta Lemos. Música é cantar, dançar, brincar! E tocar também!. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da (Org.). **As Artes no Universo Infantil**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2017. p. 189-232.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte e metáforas contemporâneas para pensar infância e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Porto Alegre, v. 13, n. 37, p.112-188, jan. 2008. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação.

_____. Arte para a Docência: estética e criação na formação docente. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, Porto Alegre, v. 1, n. 25, p.1-22, 25 mar. 2013.

OSTETTO, Luciana E.; LEITE, Maria Isabel. Formação de professores: Convite da arte. In: OSTETTO, Luciana E.; LEITE, Maria Isabel. **Arte, infância e formação de professores: Autoria e transgressão**. Campinas: Papirus, 2004. p. 11-24.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. As Linguagens da arte no contexto da educação infantil. In: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte (Org.). **Linguagens da arte na infância**. Joinville: Univille, 2007. p. 18-28.

ROMAGNA, Silvia de Mattia. **O LÚDICO E A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. 2006. 30 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pós-graduação Especialização em Ensino da Arte, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2006. Disponível em: <<http://200.18.15.60:8080/pergamumweb/vinculos/00002B/00002B75.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2019.

SILVA, Angela Carrancho da. **Escola com arte: multicaminhos para a transformação**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

UCKER, Lílian. Entre o real e o imaginado: desenhos de espaços escolares. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Educação da cultura visual: narrativas de Ensino e Pesquisa**. Santa Maria: UFSM, 2009. p. 79-100.

VARGAS, Lisete Arnizaut Machado de. A dança com alma de criança!. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da (Org.). **As Artes no Universo Infantil**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2017. p. 233-270.

YOLANDA, Regina. Astes Visuais na Escola. In: GARCIA, Regina Leite. **Múltiplas linguagens na Escola**. Rio de Janeiro: Dp&a, 2000. p. 77-90.